

GONÇALVES CORREIA

- Abordagem ao seu pensamento – I

«O nosso prezado camarada Gonçalves Correa, incansável propagandista libertário e grande homem de bem (...) é ao mesmo tempo um dos mais devotos amigos de A Batalha (...)» Jornal *A Batalha*, 23/6/1920

Gonçalves Correia (António) é como que um ‘mito’ para algumas gerações da sua região, Beja e arredores. Os que éramos jovens estudantes no início da década de sessenta (séc. XX) todos lembramos aquele homem invulgar que circulava nas ruas da cidade com as suas barbas e cabelos compridos, outros recordam-no a passar de bicicleta com um cartão na traseira a assinalar em verso *Diz o Gonçalves Correia / Que o mundo pisa os trilhos (vai tudo bem...) / Para não lhe roubarem isto (a bicicleta) / Que é o pão dos seus filhos*, e alguns mais novos ouviram contar ‘histórias’ diversas a seu respeito, como nos referia um conhecido apontando o diálogo entre um grupo de costureiras da antiga alfaiataria Valdez e Gonçalves Correia, as primeiras interpelando o ‘velho de barbas e cabelos compridos, na sua bicicleta’, reflectindo desrespeito (?), ou admiração (?), e Gonçalves Correia a responder-lhes em quadra de sabor picante.

Mas, impõe-se obviamente que deixemos esta condição de ‘mito’ trazendo Gonçalves Correia para os nossos dias, que divulguemos o seu percurso, pensamento e acção, tendo presente o tempo em que viveu e não deixando de reconhecer a pertinência da actualidade das ideias, da mensagem, apesar da relatividade que tal implica.

No respeito pelo formato deste artigo (I e II) e **tendo por base os Textos de Gonçalves Correia a que acedemos (livros e artigos publicados em Jornais), propomos uma abordagem síntese a partir dos mesmos e no sentido de traçar a linha orientadora do seu pensamento**, sem a veleidade de a considerar mais do que isso, e muito menos uma análise aprofundada que contemple a contextualização e uma reflexão em termos de actualidade.

A leitura dos Textos de Gonçalves Correia é um exercício fascinante, pelo conteúdo, pelo carácter pedagógico dos mesmos, pela forma como as palavras e as ideias nos chegam, numa riqueza dificilmente transmissível a outros por qualquer leitor, e tanto mais quanto se trata de um autodidacta que se formou, pela vida, pelos contactos e pela leitura reflexiva, acabando por revelar uma sabedoria e um nível cultural extraordinários, e por isso mesmo se impondo a todos como um homem culto e inteligente. **Assim, é para nós da maior importância assinalar Gonçalves Correia e motivar para a leitura e reflexão sobre o que escreveu.**

Gonçalves Correia nasceu em 1886, portanto, na vigência do regime monárquico em Portugal. Quando teve idade para pensar, Gonçalves Correia aderiu, como muitos outros, às ideias republicanas, pois como ele próprio escrevia em 1916 num artigo de discussão temática no Jornal *A Questão Social* Nº.12 «(...) o regime republicano, é *como regime político*, um pouco mais lógico que o regime monárquico (...)»

Contudo, e como afirmou na *Carta a um Republicano*, se por volta de 1909 e talvez por falta de argumentos claros, ainda defendia a república, antes mesmo da sua implantação já o seu «(...)espírito pairava por outras regiões (...) Por que compreendera já que isto de repúblicas e de monarquias é coisa muito parecida», razão pela qual a alegria que sentiu em 5 de Outubro de 1910 foi uma alegria breve, dado que de imediato «(...) via o negro interesse pessoal a manchar os intuitos puríssimos dos ‘idealistas’».

Tendo presente a forma como definiu o seu posicionamento ideológico, Gonçalves Correia terá sido republicano, ou defendido «a fórmula republicana» até aos 25 anos, idade a partir da qual passou a ser «libertário» e nessa linha apresentou ‘O que somos e o que queremos’ no seu Jornal *A Questão Social* (Nº.1,Cuba, 1916) «Somos libertários – por indicação do nosso raciocínio (...) combatemos pelo triunfo da revolução social (...) a mais encantadora de todas as revoluções». Se o raciocínio o conduzia, não menos as leituras que o fundamentavam.

Tendo ainda em conta o mesmo número do Jornal, podemos concluir que seguia (m) **KRAPOTKINE, FAURE, GRÁVE, MALATESTA** (que referiremos como ‘anarquistas históricos’, para além de **RÉCLUS** e **BAKUNINE**), aqueles que «têm vindo (...) pregando o amor, semeando a revolta, cantando a vida, prestando culto à bondade e elevando a Justiça».

No seu papel pedagógico e de propagandista das teorias comunistas que abraçava (e sempre considera que a propaganda é para fazer intensamente e em qualquer local), Gonçalves Correia refere ao seu ‘amigo republicano’ a quem escreve carta, obras e autores que o haviam marcado e cuja leitura lhe recomendava vivamente, assim ‘**O Trabalho**’, de **Zóla**, ‘**A Sociedade Moribunda e a Anarquia**’, de **Jean Grave**, que destaca ter sido fundamental no seu processo de apreensão dos objectivos dos anarquistas, que através das abordagens de outros libertários a Krapotkine ainda não tinha clarificado completamente, mas também ‘**A Dor Universal**’, de **Faure**, um verdadeiro combate à organização social que faz da vida um inferno, não se esquecendo de mencionar que Faure criou em Paris uma escola racionalista, obra de grande alcance para proteger e formar as crianças pobres.

A Questão Social propõe-se (entre outras linhas orientadoras) ser um Jornal de propaganda, e em particular de *propaganda anarquista*, pelo que vai dando voz a todos os que assinam, ou não, textos com marca anarquista e sobre matérias actuais e relacionadas com os valores da liberdade, igualdade económica, fraternidade, tolerância, justiça, naturismo, mas também sobre a carestia de vida, a guerra (a Europa está em guerra), a emancipação do operariado e a revolução social.

Com efeito, o projecto do Jornal leva-nos a concluir que Gonçalves Correia tem o objectivo de o transformar num instrumento de propaganda, uma tribuna de discussão e consciencialização através da palavra escrita, tão importante como reconhecia serem as sessões de propaganda, onde os intervenientes deviam aceitar as questões colocadas e responder-lhes com argumentação convincente, baseada na verdade e visando tornar mais forte a consciência do povo participante. Por prosseguir o ideal de propaganda anarquista, *A Questão Social*, sendo embora um jornal local, com sede em Cuba (uma vila rural, de interior, de muito cedo republicana, e onde G.C. estaria a residir pelo menos desde 1914), não revela a preocupação de dar notícias locais, apenas apresentando esse propósito no N.º. 13, que insere uma coluna ‘Vida Local’, mantida nos N.ºs. 14 e 15.

Atevemo-nos a afirmar que Gonçalves Correia lança e assegura o Jornal aos diferentes níveis, nele coloca um anúncio relacionado com a sua actividade de representação de casas comerciais e venda de diversos produtos, assina artigos, e não assinará outros, cuja paternidade talvez lhe pertença ... no jornal ‘sonha’ com a sua *Comuna da Luz*.

De entre os anúncios que constituem a página a tal dedicada, lá encontramos por exemplo Revistas como *A Sementeira*, *O Vegetariano*, mas também a *Biblioteca d’«Aurora»* - Educação Sociológica, que integra **Krapotkine**, *O Governo Revolucionário*, *Sindicalismo e Parlamentarismo...*, **Malatesta**, *Entre Camponese; A Política Parlamentar no Movimento Socialista; A Anarquia...*, **Sousa**, *Sindicalismo e Acção Directa*, etc.

Pelo que escreve neste seu Jornal, mas através dos vários escritos em geral, Gonçalves Correia faz como que a ‘síntese’ dos contrastes na forma dada à dualidade tratada, por um lado a sociedade burguesa, as realidades observadas nos seus males e desigualdades, e por outro a sociedade do futuro proposta por si e pelos seus camaradas, sem esses males, e tornando possível a harmonia, a luz, o amor, em suma, a felicidade de todos, humanos e animais.

Deve realçar-se também a forma interessante, e sobretudo pedagógica, como apresenta as suas publicações, ao colocar 2 amigos a falarem, ao insinuar que se dirige a um pobre velho, ao expor as suas ideias em diversas Cartas, utilizando este meio para muitas vezes explicar ao destinatário, e através de exemplos, uma diversidade de conceitos e ideias, para o convidar a reflectir e a tornar-se seu camarada, um anarquista, por compreensão dos princípios e convicção de poder tornar-se em mais uma peça na luta pela Anarquia que se impunha ir fazendo. Assim, a Carta é uma forma que frequentemente nos surge, em Jornais ou em «*Estreia d’um Crente*» (1917), quando escreve por exemplo a um amigo, a um prior, a um burguês, a um anarquista, a um advogado, a uma mulher, a um caçador ... uma carta aberta aos Srs. Conservadores, ou até mesmo uma carta que dirige ao

Presidente da República (Jornal *A Batalha*, Lisboa, 21/5/1920) no contexto da sua prisão noticiada em *A Batalha*, 20/5/1920.

Sobre *Cartas Vibrantes* (*‘Estreia dum Crente – Cartas Vibrantes’*) nos remete o jornal *O Facho* (Beja, 10/12/1916) para o livro de Gonçalves Correia, que embora terminado (*‘Em Poucas Linhas’* introdutórias, o autor indica Cuba (Alentejo), Outubro de 1916) ainda não vira nessa data a luz do dia devido aos cortes da censura – em 50 das 100 páginas!

Tendo presente os contrastes que sempre aborda, uma das poesias que escreveu designa-se exactamente *Contraste* (1958) e traduz a abismal diferença que observou entre uma mulher, descrita de forma a avaliar-se como tendo uma boa vida, porventura pertencendo à burguesia, e uma criança esfarrapada, filha de um pobre ignorado; mais, face ao contraste, Gonçalves Correia afirma desde logo o seu dever de se colocar de um dos lados, obviamente o da criança, o dos pobres.

Alguns dos seus artigos têm conteúdo que à partida pode não ser sugerido pelo título, assim por exemplo *O Sofrimento Humano*, escrito em 23 de Dezembro de 1931 (Jornal *Baixo Alentejo*, Cuba, 27/12/1931), põe a tónica no frio que corta o corpo daqueles que não têm condições para o combater, o que resulta afinal da injustiça duma sociedade que esquece o princípio de «amai-vos uns aos outros», a mesma sociedade que em *Castigar ou Perdoar?* (Jornal *A Questão Social*, Cuba, 16/4/1916) é acusada de não saber perdoar, mesmo às crianças, pois o roubo, até de pão, é castigado sem averiguar as causas, quando na perspectiva da doutrina de Gonçalves Correia o importante seria perdoar para afastar os erros. Em *Os Crimes da Sociedade – O Chico Maria* (Jornal *Baixo Alentejo*, Cuba, 6/12/1931), esta figura popular em Beja, de inata vocação artística, é utilizada para exemplificar a situação de quantos são impedidos pela sociedade de desenvolver as suas capacidades no domínio da cultura e da arte, o que diz o nosso autor, não pode deixar de incomodar os que como ele são verdadeiros ‘rebeldes’.

Com estas e muitas mais reflexões se justifica perfeitamente que Gonçalves Correia apele a outro tipo de sociedade, e por outro lado, que em verso e em prosa se refira a Deus, para se considerar um «*deista*» desde que Deus signifique aquilo que a sociedade burguesa não oferece a todos – a liberdade, o amor, a água, o pão, o bem ... que escreva sobre Cristo, «a personificação do bem», ou ainda que nos remeta para exemplos cuja discussão utiliza para apelar ao amor e condenar a violência, o ódio, a vingança, o castigo e a cadeia, associados aos conceitos de crime e de criminoso (como o ex.º de José Jacinto, tomado em ‘conversa’ com o amigo anarquista – *Carta a um Anarquista*, ou a interessante reflexão que produz em *Carta a um Condenado*), que Gonçalves Correia considera produto do meio que moldou aquele que agiu, sendo mais uma vez apontada à sociedade burguesa (e ao Estado) a responsabilidade pela educação que lhe deu, pelos vícios que em si fomentou, pelo crime de que eventualmente é acusado, e pelo tipo de cadeia para onde o vai conduzir.

Ora, a sociedade futura, aquela que Gonçalves Correia abordou na sua conferência de 1922 *A Felicidade de Todos ao Seres na Sociedade Futura*, é apresentada como absolutamente oposta à sociedade burguesa do seu tempo, correspondendo a uma realidade bem diferente do capitalismo e do regime político republicano que conhecia, alicerçada nos princípios sobre os quais foi reflectindo nos seus diversos escritos, era a sociedade da harmonia, do respeito por cada um e também pelos animais, do amor pela mãe – natureza e pela vida como um todo, pois que «*a vida é uma só*», uma sociedade sem poder instituído mas com regras, moral e código de justiça baseados na verdade, era a «*sociedade dos produtores livres na terra livre!*», a «*brilhante sociedade de amigos, a sociedade igualitária, a brilhante, a moralizadora sociedade anarquista!*».

Nessa nova sociedade, sem a tirania da propriedade privada, do salaríado, do poder político, com a máquina ao serviço do homem, existiria amor, harmonia, luz, abundância de bens, felicidade, e os seus homens e mulheres seriam as crianças educadas no triunfo sobre a estupidez e a injustiça. Para a atingir, é preciso caminhar (Neno Vasco dizia – hoje, amanhã e sempre), pela educação, organização, e através da acção directa que conduz à **Revolução Social**.

Gonçalves Correia estava certo do longo caminho que era necessário percorrer, mas quando escrevia sobre a Revolução Social sempre transmitia o seu entusiasmo e convicção na possibilidade de a concretizar, pois ainda que

outros devessem engrossar a minoria dos lutadores, também ele afirmava que «as minorias têm sido sempre as demolidoras irreverentes do passado» (Jornal *O Facho*, Beja, 31/1/1915). Em outro momento dirige-se aos ‘conservadores’ declarando que lhes restaria a queda às mãos dos «milhões de braços que a aclamam (dos) milhões de braços que lhe dão o seu esforço» (Jornal *O Facho*, Beja, 31/10/1915), e como referiu em *Carta a um Advogado*, quando a Revolução chegasse, a Revolução do Amor, seriam libertados os que a justiça burguesa fizera prisioneiros, e aos mesmos aberto o caminho da educação, a igualdade económica tornar-se-ia realidade, as tabernas abolidas, recuperadas as raparigas perdidas, destruídos os meios da governação.

A propriedade privada era apontada por Gonçalves Correia como uma verdadeira tirania que roubara ao homem a condição de felicidade que ele parece só ter podido atingir na Pré – História, e quando dirigia carta *A Um Tio Rico* não se esquecia de lhe citar (o que o tio não gostaria ...) a importante frase de Prhoudon «*a propriedade individual é um roubo*’», pelo que a construção da nova sociedade implicaria necessariamente a sua abolição e com ela o fim da minoria privilegiada que escraviza uma imensa maioria através do trabalho, pois que sobre o homem trabalhador e escravo pende essa outra tirania, a do salariado, que deve dar lugar a um diferente conceito de trabalho.

Crete na ideia de que um sonho no presente pode amanhã realizar-se, escrevia em *A Vida Futura* (Jornal *O Porvir*, Beja, 10/11/1917) que esta traria o fim da pobreza e opulência, «(...) colocando no meio destas duas misérias a relativa felicidade a que todos têm direito. Sem escravos nem senhores, sem sábios nem ignorantes, sem reis e sem súbditos, sem capitalistas e sem assalariados, sem patrões e sem servos, a humanidade viverá feliz», pois que no fundo tinha terminado o ‘antagonismo de interesses’.

No mesmo jornal, em 8/12/1917, escreve Gonçalves Correia *O Trabalho*, como que um verdadeiro hino a essa fonte que dá pão material e espiritual, carecendo embora de sair de uma fase de ‘luto’ e de ser dignificado no futuro pelos renovadores.

Continuando a ter presente a sua conferência sobre *A Felicidade de Todos os Seres na Sociedade Futura*, destacamos ainda a forma verdadeiramente exaltada como Gonçalves Correia se refere ao *trabalho*, afirmando mesmo amar o trabalho, desde que este venha a ser desenvolvido pela vontade de cada um, no sentido criativo e de acordo com as suas forças, sem a pressão da sociedade burguesa, numa verdadeira colaboração entre trabalho braçal e trabalho intelectual, ou seja, entre o que designa por *proletariado braçal e proletariado do cérebro*; e nessa linha, preconiza ainda o conceito de trabalho moderno, científico, no quadro de um papel fundamental a desempenhar pela máquina, que liberta e permite fartura e prazer, com a mecânica ao «*serviço da felicidade dos seres*».

Ao trabalho intelectual associa o engenheiro, o médico, o enfermeiro, o agrónomo, mas também o escultor, pintor, músico, e ainda o professor. Gonçalves Correia destaca o papel dos Professores na instrução dos milhões de crianças por esse mundo, essas mesmas que recebendo uma diferente educação serão responsáveis por uma nova forma de organização social.

Assim, se à **Educação** é atribuída uma importância fundamental, naturalmente que a mesma está patente em muitos dos seus artigos, pelo que sobre esta e outras temáticas focaremos a nossa atenção no próximo número.

Francisca Bicho

In, *A Batalha*, Jornal de Expressão Anarquista, Nº. 251 – VI Série,

Ano XXXIX, Lisboa, Set – Out 2012